

# A EXPERIÊNCIA DE SCHOPENHAUER NO HOSPITAL CHARITÉ COMO UM DOS ELEMENTOS DO CONCEITO DE RECALQUE

*Mateus de Freitas Barreiro<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A proposta deste artigo, consiste em aprofundar o aparecimento da psicanálise de Freud em contato com a filosofia de Schopenhauer. Quando se discute a relação entre Freud e Schopenhauer há diversas polêmicas sobre até que ponto Schopenhauer foi precursor intelectual ao se debruçar sobre os aspectos irracionais que não compõem o campo da consciência, criando um terreno fértil para o nascimento da psicanálise. Procura-se aqui fundamentar a ideia de que as experiências empíricas de Schopenhauer coloca-o como protagonista importante, quando se discute a questão do recalque.

**Palavras-chave:** Schopenhauer, psicanálise, loucura e recalque

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to deepen the appearance of Freud's psychoanalysis in contact with Schopenhauer's philosophy. When discussing a relationship between Freud and Schopenhauer, there are several controversies about the extent to which Schopenhauer was the intellectual precursor when he addressed the irrational aspects that do not make up the field of consciousness, creating a fertile ground for the birth of psychoanalysis. Here, the idea that the empirical experiences of Schopenhauer are placed as an important protagonist is sought when the issue of repression is discussed.

**Keywords:** Schopenhauer, psychoanalysis, madness and repression

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX, novos paradigmas fluem nos ares do horizonte cultural alemão, com Schopenhauer e Nietzsche, pois a razão já não ocupa mais um lugar soberano nas faculdades mentais do homem. Antes, na História da

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UNESP, Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, na Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - UNESP.

Filosofia não faltavam alusões a processos mentais não conscientes, sendo o incognoscível discutido por diversos filósofos. Entretanto este não era o eixo central de seus postulados.

A conexão de Freud com o pensamento schopenhaueriano se estabelece por múltiplos pontos e formas de contato. Primeiramente, quando Freud estava desenvolvendo sua teoria psicanalítica, o pensamento de Schopenhauer estava impregnado no final do século XIX, e também era muito popular nos meios em que Freud frequentava. Zentner reforça a ressalva de Rank ao evocar dados biográficos resgatados por Willian McGrath, em que descreve a inserção de Freud em um grupo composto por alunos, autodenominado de Clube de Leitura dos Estudantes Alemães de Viena entre os anos de 1873-1878; um dos principais autores estudado neste grupo é Schopenhauer (ZENTNER, 1995). A filosofia de Schopenhauer caminhou por múltiplas vias identificáveis e não identificáveis que transitaram nos pensamentos de Freud, pensamentos que também já estavam preenchidos por outros tipos de ideias e conhecimentos advindos de sua prática psicanalítica. Todas essas intersecções de saberes, [incluindo a metafísica schopenhaueriana, permitiram tanto a Freud quanto a Schopenhauer fazerem parte da atmosfera de criação da teoria Psicanalítica. Na Conferência 35 de *Novas Conferências*, Freud comenta a respeito da diferença entre a filosofia e a psicanálise, dizendo que a primeira consiste em “uma construção intelectual que resolve de maneira unitária todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipótese subsumida, na qual, por consequência, nenhuma questão resta aberta, e tudo o que retém nosso interesse encontra seu lugar determinado” (FULGENCIO, 2003 apud FREUD, 1966)<sup>2</sup>. Mas o que próprio Freud pensa a respeito da intersecção da filosofia com a Psicanálise? Para Freud é possível compor a filosofia junto a Psicanálise?

O contraste de Freud com a filosofia envolve a ideia de um sistema de conhecimento, um ramo do saber, uma disciplina, a psicanálise. A aproximação com a filosofia deverá ser feita sempre tomando como referência que a filosofia e a psicanálise se propõem a atingir diferentes objetivos, mesmo que estejam entrelaçadas por alguns conceitos que visem responder a outras questões. Quando se trata desta interlocução de saberes, abarcando a relação de Freud com a filosofia na maioria das vezes o tema se remete à

<sup>2</sup> Freud não se refere a um filósofo em especial no que diz respeito à visão unitária Filosofia em resolver problemas.

ambivalência<sup>3</sup> de Freud em relação à filosofia, pois Freud negligencia a filosofia algumas vezes e em outras circunstâncias a reverencia pelo seu antigo desejo de ser filósofo.<sup>4</sup>

Mas, o que se pode afirmar sobre essa relação de ambivalência com relação à Filosofia, em Freud?

Provavelmente essas questões não visavam solucionar problemas que perpassassem a prática psicanalítica, ou até mesmo resolver uma questão filosófica relevante. Fulgêncio (2003) faz um comentário construtivo a respeito da ambiguidade de Freud em relação à filosofia. Ele sugere que esta ambiguidade, não se refere à atuação eminentemente prática de Freud, pois este sempre se colocou na posição de cientista, buscando solucionar problemas empíricos, que exigiam especulação, mas seu objetivo final era resolver estes problemas e não a formulação de uma “visão de mundo”, nem de verdades cristalizadas sobre mundo e o homem (FULGENCIO, 2003). O objetivo de Freud, então, não era responder a questões filosóficas, mas utilizar a filosofia para ajudar a criar seus conceitos psicanalíticos. O conceito de loucura de Schopenhauer foi um dos alicerces que possibilitou a Freud constituir o conceito de recalque, para explaná-lo em seu devir, com seus respectivos pontos de vista, tópico, econômico e dinâmico. Através do conceito de loucura foi possível Freud abstrair além do que sua prática clínica lhe trazia.

## 1. A EXPERIÊNCIA EMPÍRICA DE SCHOPENHAUER E A TEORIA PSICANALÍTICA

Diante que foi exposto, este artigo tem por objetivo, alertar os riscos sobre o equívoco em traçar uma analogia entre filosofia e psicanálise, visando sustentar um eventual reducionismo da psicanálise em relação à filosofia ou ignorando quaisquer influências da filosofia em relação à psicanálise. Mas, esta obra tem por objetivo, entender a existência de continuidade entre os pensamentos de Schopenhauer e Freud, embora cada um deles apresente características próprias,

---

<sup>3</sup> Para Freud o delírio e o discurso filosófico funcionam de maneira parecida, pois em ambos a subjetividade articulária as palavras como se fossem coisas, não tendo a preocupação em submeter o discurso ao imperativo do teste da realidade (BIRMAN, 2003).

<sup>4</sup> De maneira curta e grossa Freud afirmou que estava finalmente realizando o seu desejo de ser um filósofo com a invenção da psicanálise (BIRMAN, 2003).

que culminou no desenvolvimento de diferentes critérios específicos de validação do conhecimento nos seus respectivos campos de saber, tendo em vista que Schopenhauer foi o filósofo mais citados por Freud, será aprofundado os encontros e desencontros que dizem respeito aos fundamentos metodológicos que embasaram as teses de cada autor, sobretudo como a noção de não-consciente e inconsciente foi abordado por Freud e Schopenhauer. O pressuposto de que a filosofia desconsiderou os pensamentos que escapam à consciência, não é algo visto na História da Filosofia. A noção de não-consciente, precisa ser analisada de acordo com o seu tempo e as condições que perpassam a história de vida de Freud e Schopenhauer. Pensando em como um pensamento se desdobra em diferentes de campos conhecimento e diferentes épocas, será ilustrado brevemente, como a noção de não-consciente foi trabalhada em outras épocas e contextos anteriores à psicanálise.

Primordialmente, a ideia schopenhaueriana sobre a loucura aparenta ter sua raiz apenas em especulações filosóficas, por se tratar de uma teoria não concisa e devidamente sistematizada. Contudo, a partir de documentos históricos resgatados por Zentner foi possível constatar que o fator que contribuiu para Schopenhauer fundamentar seu pensamento sobre a loucura, deu-se através de sua experiência empírica, ao entrar em contato com pacientes da ala psiquiátrica do hospital Charité em Berlim, que Schopenhauer passou a frequentar constantemente em 1811 (ROTHE-NEVES, 2002). Em *O Mundo como Vontade e Representação*, é possível encontrarmos indícios deste contato de Schopenhauer com pacientes do hospital Charité, quando ele afirma:

Visitei frequentemente casas de alienados e encontrei aí sujeitos de um incontável valor; o seu gênio manifestava-se distintamente através da sua loucura tinha permanecido completamente dominante (SCHOPENHAUER, 2004, p.87).

Visando investigar o problema da sanidade e doença no indivíduo, no outono de 1809, assim que lhe foi possível, Schopenhauer escolheu estudar medicina na Faculdade de Göttingen e depois de três ou quatro meses, apesar de sua preferência pela medicina, deixou aquela faculdade, porque não gostava do organicismo iluminista, e por espaços para pesquisas de filosofia; portanto, pensou que deveria tornar-se filósofo. Desiludido com as aulas de Fichte, que expressava uma proposta idealista sobre o campo mental, Schopenhauer acabou decidindo fazer sua própria pesquisa na solidão e liberdade, mas não fechado em seu próprio quarto, mas em contato direto com sujeitos (IANNACO, 1998).

O jogo idealista e abstrato de palavras que não relacionam a coisa com a realidade e o otimismo materialista, não eram métodos realísticos para Schopenhauer, conforme reconhece:

Me alegra em particular o fato de já estar habituado, assim tão cedo (...) a não me contentar com o simples nome das coisas e preferindo, sobre o mar das palavras, a consciência nascida da observação. Por este motivo nunca corri o risco em consequência de tomar as palavras por coisas. (SCHOPENHAUER, 2004, p.13).

Uma das primeiras referências à similitude entre o texto de Freud e o de Schopenhauer foi feita em 1926 através de artigo escrito por Otto Juliusberger, médico berlinense, participante de uma das muitas sociedades schopenhauerianas presentes na época. Juliusberger sustenta que Freud empregava em seu discurso Psicanalítico, temáticas e pensamentos já antecipados nas obras de Schopenhauer (RAIKOVIC, 1996). As leituras realizadas até o momento indicam que Zentner também sustenta a opinião de que Schopenhauer antecipou a teoria freudiana do recalque, e chega a analisar esta antecipação como um plágio de Freud (ZENTNER, 1995).

Freud entendia esta similaridade como mera coincidência, mesmo quando Otto Rank lhe lembra que Schopenhauer tinha uma explicação para a loucura em *O mundo como vontade e representação*. Freud afirma que não conhecia as obras deste filósofo quando estava elaborando sua teoria do recalque. Afirma ainda que “a teoria da repressão, sem dúvida alguma, ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte” (FREUD, 1996). Rank acrescentava ainda que Freud havia também se privado do alto prazer de ler Nietzsche.

Em *O Mundo como Vontade e Representação*, Schopenhauer discorre sobre a ideia de que a loucura emana de uma necessidade de esquecer e dissolver registros conscientes de experiências dolorosas adjacentes da realidade, tais como “violentas dores morais” e “acontecimentos terríveis” (SCHOPENHAUER, 2004). Para Schopenhauer (2004), o mecanismo da loucura advém quando um acontecimento extremamente árduo e angustiante para o indivíduo chega a atingir o seu limiar de tolerância e como resposta, a sua natureza recorre à loucura como “último recurso” para cessar estas dores. Assim “o espírito torturado rompe, por assim dizer, o fio da sua memória” (SCHOPENHAUER, 2004, p.113), permitindo ao indivíduo resgatar temporariamente sua integridade mental. Esta amnésia parte de um conflito entre a

vontade e o intelecto e, se algum conteúdo for doloroso para a Vontade, esta evita que o Intelecto tome consciência de tal conteúdo. Raikovic (1996) coloca em questão que a estratégia defensiva do aparelho psíquico requer um tipo de inteligência superior, pois o passado que foi esquecido é um artifício com a função de resguardar o que de acordo com esta “inteligência” estaria em perigo.

A função da loucura teria funcionalmente um papel diminutivo em conflitos análogos aos postulados por Freud. Assim, sintomaticamente, a doença atuaria por intermédio de uma necessidade mental para poder esquecer estas lembranças dolorosas, que tem como meta eliminar angústias, diminuir o desprazer. Para Raikovic (1996), a finalidade deste mecanismo era a de fazer com que as representações fossem mais suportáveis, uma vez tais representações fossem livres para vir à tona, tais como são, à consciência, trariam um perigo para a manutenção individual que minimamente exige uma coesão interna, ainda que à custa de um desconhecimento.

Para Freud “a essência da repressão consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância” (FREUD, 1996, p.24). Mas se tratarmos de um conceito tomando como sua perspectiva de descrição e análise, uma noção focada em sua essência, a sua compreensão não abrangeria suas multifaces, seus caminhos percorridos ao longo de sua história, seu processo de criação enquanto estava se constituindo, e o seu devir. Pensando o recalque sob várias ópticas diz Freud que devemos estar preparados para encontrar uma multiplicidade semelhante de mecanismos de irrupção (ou de formação de sintomas), e já podemos começar a suspeitar que não será possível remontar todas essas multiplicidades somente à história desenvolvimental da libido (FREUD, 1996, p.25).

A metafísica de Schopenhauer perpassou o conceito de recalque em alguns aspectos iniciais de sua elaboração, mas com as constantes reformulações de Freud em torno deste conceito, a imanência<sup>5</sup> intensiva do recalque ganhou volume, pois passou cada vez mais a interagir com um maior número de conceitos dentro da Psicanálise, fazendo com que a relação do recalque se desse por vias de pulsões, objetos estruturas e outros mecanismos da psique. É justamente isso que caracteriza a solidez interior do conceito, ou nas palavras de Deleuze, sua endo-consistência (DELEUZE, 1992). Cada componente distinto do recalque é formado por elementos que tornam seus componentes indiscerníveis um do

<sup>5</sup> Imanência remete a suas ligações e conjunções com outros conceitos que possibilitam emergir o sentido.

outro, o conceito de recalque apresenta uma vizinhança em parte com outros conceitos. O conceito não traz consigo apenas um componente, mesmo o conceito originário, pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários sedimentos, já que não é claro que a filosofia deva ter início e que, se ela proclama um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão (DELEUZE, 1992). A questão da loucura em Schopenhauer relacionando-a com psicopatologia. Para estes autores, Schopenhauer entende a loucura ao que atualmente chamamos de psicose ou desordem afetiva severa, e, neste caso, a loucura não afeta todas as capacidades mentais.

Entretanto, inúmeros textos que tratam a questão da loucura, encontram-se descrições, fatos, considerações e classificações, mas como afirma Schopenhauer: “mas eu nunca encontrei uma explicação clara e satisfatória da intrínseca natureza da loucura, do que ela seja e de como ela se distingue da sanidade (SCHOPENHAUER, 2004, p.173). Para Schopenhauer (2004), a conversão das representações numa sintomatologia apresentada na forma de doença, seria uma reação para preservar a individualidade. Na visão freudiana, utilizam-se mecanismos de defesa como uma resposta natural da estrutura psíquica para a eliminação de tal angústia. Esta reação poderia emergir através de um ganho primário, onde a redução da tensão e do conflito dar-se-ia através de uma doença neurótica ou histérica. Todo este processo, que tem sua chave no recalque<sup>6</sup>, ocorre quando um conteúdo representativo oriundo do consciente transpõe para o inconsciente, e como consequência converte-se em uma patologia. O conceito de loucura, igualmente ao recalque, se desabrochou através de observações em sujeitos cujas experiências de vidas lhes proporcionaram a formação de uma subjetividade singular. Tal subjetividade foi interpretada como uma enfermidade para aquele tempo, fazendo com que o estudo fosse voltado para entender os processos que eram responsáveis pela formação de um sintoma.

Dizer sobre os estados da manutenção do indivíduo leva-nos a uma concepção que remete a gênese desta individualidade, o indivíduo não está formado para todo o sempre. Ele está processualmente, como tal, em graduações diversificadas de sua realização, cuja patologia, em sua multiplicidade, deixa de levar em consideração o que poderiam ser as soluções para mascarar um possível perigo de “desindividuação”; (RAIKOVIC, 1996). Tanto na etiologia

---

<sup>6</sup> LAPLANCHE, J e PONTALIS, L. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

da loucura quanto no recalque, os fatos dos quais desencadeiam a habilitação de ambos mecanismos, que tem como objetivo de resgatar a integridade do eu, envolvem uma ativação através de uma situação, evento ou ideia traumática. Portanto, busquemos estabelecer a correspondência da ideia de trauma circunscrita na etiologia da loucura e no recalque.

Na concepção freudiana, o trauma é um resultado da falha dos mecanismos com funções de proteger o aparelho de excitações muito intensas. Para Freud (1996) o “grande trauma isolado está substituído, geralmente, por uma série de traumas menores que se inter-relacionam por sua semelhança ou pelo fato de fazerem parte de uma história penosa”. Quando o recalque é ativado, esta mobilização também ocorre por meio de uma espécie de micro traumas. Ocorrendo um maior influxo dos estímulos: muita excitação entra no aparelho psíquico em determinado tempo e não pode ser dominada; as experiências traumáticas fazem parte desta ordem (FENICHEL, 1969). No aparelho psíquico em sua dimensão econômica, o trauma se constitui em uma grande quantidade pulsional inativada, que ultrapassa a capacidade de contenção dos sistemas de representação psíquica. Aqui há uma maior explicação de Freud sobre o funcionamento deste sistema psíquico em relação a Schopenhauer.

No trauma envolve uma dor sofrida pelo indivíduo perante um evento ou acontecimento. Freud caracterizou a dor, como uma irrupção de um volume intenso de quantidades direcionado no sistema de memória, como desdobramento da falha dos dispositivos que protegeriam o aparelho contra quantidades exógenas muito fortes (CARÓPRESO, 2006). Já, no mecanismo da loucura, segundo Schopenhauer, um trauma de grande intensidade faz com que as forças intoleráveis e impossíveis de se admitir a si mesmo, mova estas cadeias de representações para uma outra estrutura não consciente. A respeito da perspectiva topográfica dos atos psíquicos e a transposição das cadeias de representações, quando este ato (uma ideia) é movido do inconsciente para o sistema consciente, esta mudança se desdobra em um novo registro, um segundo registro que poderá ser encontrado em uma nova localidade psíquica, momentaneamente, ao registro inconsciente original. Portanto, esta ideia é presente na psique em mais de um registro, e situada em mais de uma região do mecanismo mental. Na etiologia loucura, o que se pode observar são ideias diferentes em instâncias diferentes, de acordo com a análise desta passagem:

*Suponho que um louco evoca uma cena do passado e dá-lhe toda a vivacidade de uma cena verdadeiramente presente: existem lacunas em tal lembrança; o louco as preenche com ficções; essas ficções podem ser sempre as mesmas e tornarem-se ideias fixas ou então modificarem-se todas as vezes, como acidentes efêmeros; no primeiro caso, é a monomania, a melancolia; no segundo caso, a demência (SCHOPENHAUER, 2004, p.148).*

Quando uma representação do passado é evocada pelo louco, sua memória que compõe uma segunda região, que não faz parte do estado consciente presente, falseia a ideia originária oriunda da primeira região, o que faz com que o primeiro registro da representação originária, não seja mais o mesmo, pois ela foi substituída por uma ficção, tornou-se uma ideia fixa. O material recalcado na concepção de Freud-Schopenhauer, não foi apagado, ele fica resguardado em uma partição não consciente, o conteúdo psíquico foi temporariamente movido, podendo retornar este conteúdo em uma outra forma substitutiva ou emergir um sintoma. O percurso da força que foi recalcada em Freud-Schopenhauer apresenta características em comum, pois quando um processo de uma ideia inicial gera outra diferente, sabemos que esta transmutação só foi possível através das forças que foram do inconsciente para o consciente.

No que diz respeito à descrição do recalque feita por Freud anteriormente. Em decorrência disto é que surge este conceito fundador da psicanálise, o recalque; seu determinante final sempre foi umas das dúvidas de Freud; o determinante último do recalque que era consciente, outrora era inconsciente, ou até mesmo este processo pode estar vinculado a ambas estruturas. Tanto Freud como Schopenhauer, trabalham com o recalque especificando a fantasia e os sintomas substitutivos, utilizando inclusive o mesmo termo.

Na perspectiva metapsicológica, a estruturação do conceito de defesa está vinculada a uma hipótese sobre o funcionamento mental, que é a de uma perspectiva representacional do psiquismo. Sua dinâmica se baseia em um investimento energético, a energia das forças por trás das representações mentais é deslocável e os impulsos com maior quantidade de energia são mais difíceis de reprimir do que os que possuem menor quantidade de energia, porém, podem ser reprimidos caso as forças opostas sejam equivalentes quanto à quantidade de energia. Para Fenichel (1969), a quantidade de excitação que pode ser suportada sem descarga é um problema econômico, por haver uma troca de energia mental, uma distribuição econômica de energia entre entrada, consumo e saída.

No caso da etiologia da loucura, está se apresentada de maneira mais rudimentar<sup>7</sup> que a teoria do recalque. As representações a que Schopenhauer referiu-se ao problematizar a questão da loucura, não possuem uma ideia energética quantitativa e a representação na loucura transita de uma determinada região mental para outra, não envolvendo uma questão energética, tampouco econômica. Esta representação se desloca na medida em que o intelecto por força da vontade, não suporta tal representação, seu deslocamento circunscreve a representação em si, não se trata de sua distribuição energética, mas de uma força que objetiva ressaltar a integridade do Eu.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Schopenhauer, a loucura é um mecanismo para esquecer experiências traumáticas, ressaltando-se, porém, que a relação com o conceito de recalque freudiano vai muito além da experiência empírica de Schopenhauer. Assim, procurou-se realizar neste trabalho um estudo transversal, que justapõe os conceitos cardinais de Freud com as ideias de Schopenhauer, sobretudo no que abrange os encontros e desencontros que o prefixo meta tem na metafísica de Schopenhauer e na metapsicologia de Freud. A filosofia de Schopenhauer caminhou por múltiplas vias identificáveis e não identificáveis que transitaram nos pensamentos de Freud, pensamentos que também já estavam preenchidos por outros tipos de ideias e conhecimentos advindos de sua prática psicanalítica. Todas essas intersecções de saberes, evidentemente incluindo a metafísica schopenhaueriana, permitiram tanto a Freud quanto a Schopenhauer fazerem parte da atmosfera de criação da teoria Psicanalítica. Portanto, o objetivo de Freud, então, não era responder a questões filosóficas, mas utilizar a filosofia para ajudar a criar seus conceitos psicanalíticos

---

<sup>7</sup> Possui um número relativamente menor de componentes em relação ao recalque. O recalque traz consigo uma maior inseparabilidade interna das zonas de comunicação.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAROPRESO, F. Compulsão à repetição: do “Projeto de uma psicologia” ao “Além do princípio do prazer”, **Revista Natureza Humana**, v. 8, n. 2, 2006.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Direção da edição, Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

FENICHEL, O. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. Trad. Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FULGENCIO, L. **As especulações metapsicológicas de Freud**. *Natureza Humana*, v. 5, n. 1, p. 129-173, 2003.

IANNACO, D. **Schopenhauer e i pazienti della Charité di Berlino (1812-1813)**. IL Sogno della farfalla, Rivista di Psichiatria e Psicoterapia, Nuove Edizioni Romane: Roma, vol.4, 1998.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **The language of psychoanalysis**. Karnac Books, 1998.

RAIKOVIC, P. **O sono dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ROTHER-NEVES, R.; NEVES, A. Freud e o esquecimento em Die Flucht ins Vergessen, de Marcel Zentner. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol.15, nº.2, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. 2a. ed, Trad. M. S. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

ZENTNER, Marcel. **Die flucht ins vergessen: die anfänge der psychoanalyse freuds bei schopenhauer**. Darmstald: Wiss] Enschaftliche Buchgesellschaft, 1995.